

Manifestantes tumultuam a sessão no Congresso e revoltam deputados

Foto de Luis Antônio

DENISE ROTHENBURG

BRASÍLIA — O Congresso foi palco, ontem, de um grande tumulto envolvendo os seguranças da Casa e trabalhadores de todo o País que estão em Brasília acompanhando a votação das Medidas Provisórias do Plano Collor. O clima tenso revoltou o Líder do PDS, Deputado Amaral Neto, que agora ameaça andar armado caso não obtenha da Mesa Diretora garantias de que poderá votar sem constrangimentos.

— Isso aqui está virando uma baderna, um circo. Qualquer dia um terrorista ocupa a galeria, joga uma bomba no plenário e não sobrará nem o Presidente para contar a história dos parlamentares. Nenhum parlamento do Mundo permite que gente estranha à Casa circule pelos corredores — afirmou Amaral Neto em discurso na tribuna.

Os incidentes começaram por volta das 12h, quando quatro integrantes da Confederação das Mulheres do Brasil foram agredidas ao tentar entrar no Salão Verde — ala central que dá acesso ao plenário e aos gabinetes das lideranças.

Segundo a Presidenta da Federação de Mulheres de Goiânia, Mônica Ferreira, um dos seguranças chegou a apontar uma arma para as pessoas que tentavam intervir. O sindicalista Aluizio Pereira Lima, metalúrgico de São Paulo, sofreu vários arranhões nas cotas. Dois seguranças foram levados ao Instituto Médico Legal para registro de ocorrência. Mônica, por sua vez, apresentava manchas roxas no antebraço.

— O Presidente do Senado, Nelson Carneiro, tinha autorizado nossa permanência no Salão Verde. Quando saímos para ir ao banheiro, os seguranças não nos deixaram mais entrar. Reagimos e eles chegaram a sacar uma arma — afirmou Mônica.

O incidente terminou com a interferência da chefia da segurança e do Corregedor-Geral da Câmara, Deputado Wilson Campos (PMDB-PE). Ele solicitou aos lobistas que evitassem atritos com a segurança e procurassem acompanhar os trabalhos em silêncio. Pela manhã, os servidores e lobistas gritaram diversas palavras de ordem, como "recessão não" ou "abaixo o desemprego".

Antes de ler seu discurso, Amaral

Neto foi abordado por um grupo de lobistas no Salão Verde. Eles queriam que o Deputado — um dos maiores defensores da manutenção integral do Plano Collor — aprovasse modificações relativas ao saque de poupança, apartamentos funcionais e outros dispositivo de interesse do funcionalismo público. Amaral Neto, sem perder a pose, rebateu.

— Vocês votaram. Agora aguentem.

Depois de passarem mais de três gritando palavras de ordem em protesto à decisão da Mesa do Congresso de não abrir as galerias, os manifestantes acabaram conseguindo um cabo eleitoral de peso: o Deputado Ulysses Guimarães que, sem saber o que se passava nos salões da Câmara, seguia para o Plenário. Foi logo abordado pelos manifestantes e, diante da promessa de levar o assunto ao Senador Nelson Carneiro, foi aplaudido — e quase carregado pelos manifestantes — como nos tempos em que comandava a Oposição.

— Ulysses, Ulysses — gritavam os manifestantes, enquanto o Deputado respondia com um aceno entusiasmado.

Ulysses Guimarães seguiu direto para a Mesa do Congresso mas, ainda assim, os manifestantes ficaram de fora. Eles passaram toda a tarde rodeando as duas portas do Plenário da Câmara, ameaçando entrar no Plenário. A segurança das duas Casas trabalhou como poucas vezes. Deputados e senadores se limitavam a olhar pelo vidro da porta para saber o que acontecia do lado de fora, mas poucos ousavam sair.

O Deputado Ney Lopes (PFL-RN) chegou a se assustar com o protesto:

— Homem, o que é isso. Está virando esculhambação — disse ele ao ver os manifestantes a menos de três metros da porta de entrada.

O Deputado Paulo Ramos (PDT-RJ) arranhou uma forma de se solidarizar com os manifestantes: encostado na corrente de proteção da porta do Plenário, cantou o Hino Nacional junto com eles. Os Deputados João Cunha (PST-SP) e José Genoíno (PT-SP) se revezavam no microfone de apartes, pedindo à Mesa a liberação das galerias. Eram contestados pelo Deputado Eliel Rodrigues (PMDB-PA), que apoiava a decisão da Mesa.



Uma mulher discursa durante assembleia dos manifestantes no Salão Verde da Câmara